



LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRAFICA GEORGE CRAIG SMITH



Reitor

Prof. Dr. Cesar Antonio Caggiano Santos

Vice-Reitora

Profa. Dra. Cristiane Vercesi

Diretora do Museu Histórico de Londrina

Profª. Dra. Angelita Marques Visalli

Coordenação Geral

Participação na elaboração do projeto

Gilberto Hildebrando

Projeto de organização e recuperação da coleção de George C. Smith

Áurea Keiko Yamane

Célia Rodrigues de Oliveira

Reprodução e ampliação fotográfica

Rui Cabral

Estagiários

Arthur Olavo Leite

Fábio Chilles Xavier

Vanessa Caroline da Cruz

Bibliotecárias

Rosangela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Colaboração na identificação de imagens

Marina Zuleika Scalassara - Museóloga

Revisão de textos

Domingos Pellegrini

Capa, Projeto gráfico e Lay out

Arqº. Christian Steagall-Condé

Guilherme Henrique de Oliveira Cestari

Editoração e recuperação digital

Guilherme Henrique de Oliveira Cestari

Tipografia

Calibri

Número de páginas

110

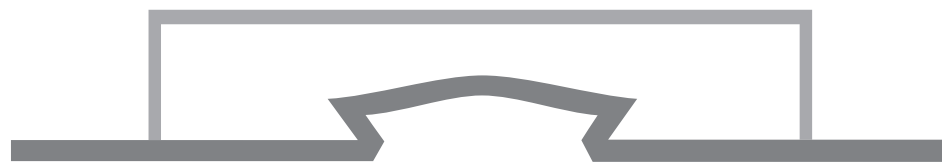
Papel

Cartão (capa)

Couché

Revisão

Museu Histórico de Londrina



LONDRINA DOCUMENTA

COLEÇÃO FOTOGRÁFICA GEORGE CRAIG SMITH



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

LONDRINA, 2010

**O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva
dos respectivos autores.**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de
Biblioteca e Documentação do Museu Histórico de Londrina. UEL**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

U51c Universidade Estadual de Londrina. Museu Histórico de Londrina.
Coleção fotográfica George Graig Smith / Museu Histórico de
Londrina, Universidade Estadual de Londrina ; projeto de organização e
recuperação da Coleção George Craig Smith [por] Áurea Keiko Yamane,
Célia Rodrigues de Oliveira. — Londrina : UEL, 2010. — (Londrina
documenta ; 1)

114 p. : il ; 21 cm.

ISBN 978-85-7846-075-4

1. Fotografia - Londrina (Pr) – História. I. Yamane, Áurea Keiko.
II. Oliveira, Célia Rodrigues. III. Smith, George Craig, 1909 – 1992. IV.
Museu Histórico de Londrina. V. Título. VI. Série

CDU 77.03(816.22)

SU MÁ RIO

APRESENTAÇÃO;

| | |
|---|----|
| Visão especial / <i>Angelita Marques Visalli</i> | 8 |
| Revelações / <i>Ignes Dequech Álvares</i> | 9 |
| O primeiro londrinense / <i>Domingos Pellegrini</i> | 10 |

FOTOS E TEXTOS;

| | |
|--|----|
| Acidente na estrada / <i>Isaac Antonio Camargo</i> | 14 |
| Primeiro trem / <i>Nair Paglia Piantini</i> | 16 |
| Colonização / <i>Rafaela e Daniel Martinon</i> | 18 |
| A Varanda / <i>Zueleide Casagrande de Paula</i> | 20 |
| A mata virgem / <i>Sandra Joia</i> | 22 |
| Clareira / <i>José Pedro Rocha Neto</i> | 24 |
| Hotel Campestre / <i>Ruth Hiromi Shigaki Ueda</i> | 26 |
| O peixe e os meninos / <i>Luiz Juliani</i> | 28 |
| Primeiro tropeiro / <i>Miguel Walter Licha</i> | 30 |
| Primeira jardineira / <i>Célia Rodrigues de Oliveira</i> | 32 |
| Um olhar... / <i>José Cezar dos Reis</i> | 34 |
| Vista / <i>Humberto Yamaki</i> | 36 |
| Rua Jatahy / <i>Nelson Curotto</i> | 38 |
| Tênis no sertão / <i>Rui Cabral</i> | 40 |
| “Alegres trópicos” / <i>Vanda de Moraes</i> | 42 |
| Belezas... / <i>Marina Zuleika Scalassara</i> | 44 |
| Pai zeloso / <i>Paulo Boni</i> | 46 |
| Terra da promessa / <i>Raimunda de Brito Batista</i> | 48 |
| Primeiro casamento / <i>André Sell</i> | 50 |
| Abrigo / <i>João Baptista Bortolotti</i> | 52 |
| A teus pés, Londrina / <i>Paulo Briguet</i> | 54 |
| Entre chapéus, luvas... / <i>Lia Mendonça</i> | 56 |
| Primeira alameda / <i>Widson Schwartz</i> | 58 |
| Família sem nome / <i>Célia Musilli</i> | 60 |
| Queimada / <i>Paulo Ubiratan</i> | 62 |
| Casa Sete / <i>Antonio Carlos Zani</i> | 64 |
| Ironia / <i>Rogério Ivano</i> | 66 |
| Perfeição? / <i>Arnaldo Falanca</i> | 68 |

| | |
|--|-----|
| Competência / <i>Júlio Moreira da Silva</i> | 70 |
| Ford perdido na mata / <i>Gilberto Hildebrando</i> | 72 |
| Um Rio, Uma Balsa, Um Futuro / <i>Luis Parellada Ruiz</i> | 74 |
| Contrastes / <i>Joaquim Carvalho da Silva</i> | 76 |
| Os moços da Casa Sete / <i>Jorge Cernev</i> | 78 |
| Chegada / <i>Áurea Keiko Yamane</i> | 80 |
| Exemplo / <i>Maria Aparecida Machado Frigeri</i> | 82 |
| A “baratinha” festeira / <i>Apolo Theodoro</i> | 84 |
| Hotel Luxemburgo / <i>Mário Jorge de O. Tavares</i> | 86 |
| Progresso! / <i>Patricia Martins Castelo Branco</i> | 88 |
| A ponte / <i>Leandro Henrique Magalhães / Maria José de Melo Prado</i> ... | 90 |
| Foto-grafia / <i>Richard Gonçalves André</i> | 92 |
| Primeiro hospital / <i>Klaus Nixdorf</i> | 94 |
| Terra Vermelha / <i>Kimiko Yoshii</i> | 96 |
| “-Heil!” / <i>Christian Steagall-Condé</i> | 98 |
| Amigos / <i>Omeletino Benatto</i> | 100 |

FOTOS DE FAMÍLIA:

| | |
|---|-----------|
| Guardião, Família, Privacidade, Diferente, Alegria / <i>Alberto Gawryszewski</i> | 104 a 110 |
|---|-----------|

SU MÁ RIO

APRE SEN TA ÇÃO



Visão especial

Apresentamos aqui uma amostra da documentação visual de uma das coleções mais importantes do Museu Histórico de Londrina, a Coleção George Craig Smith - fotógrafo amador que, como funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), liderou a chamada “primeira caravana”, quando a empresa iniciou suas atividades na região, em 1929. O especial valor histórico da coleção está nos registros das primeiras alterações no espaço, a floresta densa que paulatinamente dá espaço às construções, plantações e estradas. George também registrou momentos menos monumentais, instantâneos quase sempre selecionados em função de seu caráter festivo, como é bem característico dos álbuns familiares, o que nos permite conhecer melhor a vida cotidiana do período.

Frente ao aniversário de 80 anos do início do empreendimento que mudou a paisagem de todo o norte do Paraná, o Museu Histórico desenvolveu um projeto com apoio da Companhia Melhoramentos (antiga CTNP), para preservação deste acervo, que em parte estava em avançado estado de deterioração. Foi, assim, realizada estabilização dessas imagens com a reprodução de fotos, geração de negativos e digitalização das imagens com o objetivo de estabelecer ações preventivas de conservação, recuperação e acondicionamento do acervo. Parte da coleção foi organizada para a mostra “Caravana 80 anos – Londrina sob o olhar de George Craig Smith” entre setembro de 2009 e março de 2010 e, ainda como resultante desse projeto, algumas imagens são aqui divulgadas neste catálogo.

Como “cidade nova” Londrina mobiliza sua gente ao se referir à sua memória, pois qualquer referência ao passado lida com lembranças, saudades, sentimentos muito vivos de quem “viu” e “conheceu”, e os muitos agregados à cidade vão somando um coro de defensores do seu patrimônio. Diante disto, convidamos pessoas de diversas áreas de atuação para registrar seus olhares “sobre o olhar de George Craig Smith”. Impressões sobre as impressões do passado... Algumas mais explicativas, técnicas, outras minimalistas, outras parecem reminiscências... Algumas palavras ainda foram ditas sobre o caráter mais pessoal deste acervo, a princípio álbum de família.

Este volume chamamos carinhosamente de “número um”, pois iniciamos, assim, uma política de divulgação do acervo do Museu Histórico de Londrina.

Muitos são aqueles a quem desejamos agradecer. Ao pessoal da EDUEL, pela disponibilidade e carinho; à Companhia Melhoramentos, na pessoa do Sr. Gastão de Souza Mesquita, pelo fundamental apoio para realização deste projeto; à ASAM – Associação dos Amigos do Museu, pelo empenho para viabilização de todas as nossas ações; e aos colaboradores que com seus textos animam esta publicação.

Angelita Marques Visalli
Diretora do Museu Histórico de Londrina

APRE SEN TA ÇÃO

Revelações

O passado de Londrina está muito presente na memória e nas emoções de muitos pioneiros e de seus familiares, e a ASAM – Associação dos Amigos do Museu – tem em seu espírito a constante preocupação com a preservação delas.

Em 1929, os desbravadores da primeira caravana abriram uma pequena clareira em meio à densa floresta, onde foi fincado o primeiro marco, o “Marco Zero”, símbolo da fundação de Londrina, local que ainda hoje é preservado em nossa paisagem urbana e em nossa memória. A partir deste primeiro movimento da Companhia de Terras Norte do Paraná na região, liderado por George Craig Smith, vieram tantos outros pioneiros, trazendo algum dinheiro no bolso e um grande sonho no coração, o da construção desta comunidade que hoje é Londrina.

A coleção de imagens de George Craig Smith é uma das mais importantes fontes dessa memória, na medida em que apresenta seus primeiros registros e, graças a sua vontade de fotografar, não só os momentos históricos marcantes mas, também, as cenas inusitadas, os costumes, os tipos humanos, criando um painel instigante e revelador. Assim, é com muita satisfação que apresentamos essas tantas facetas de nossa História, reveladas através deste catálogo de fotografias de George Craig Smith.

O primeiro londrinense

No Museu, temos fotos de pioneiros posando orgulhosos com animais abatidos, onças, catetos, gaviões. Só George Craig Smith aparece posando com animais vivos. Numa das tantas cartas que atestam sua consciência histórica, confirmando também sua visão ecológica anotou que, na floresta, devido a não haver mato baixo denso, era possível enxergar longe, e que isso se devia ao fato de ser floresta virgem, que jamais sofrera queimada.

A foto, em que posa amigavelmente entre o cachorro e a arara, simboliza sua vida pautada entre o serviço social, representado pelo cachorro, e a natureza, representada pela arara.

Visitado em seu leito de enfermo, pouco antes que embarcasse para sua última aventura sem retorno, diante da pergunta de por que tinha se aventurado, ainda com apenas 16 anos, a trabalhar na fazenda da Brazil Plantation, em Cambará, e por que depois, com apenas 20 anos, tinha aceitado o encargo de liderar a abertura de Londrina na floresta virgem, sorriu dizendo que a resposta já estava na pergunta:

- Por que me aventurei? Por gosto pela aventura...

Terrenamente pobre, vivia seus últimos dias como hóspede no apartamento de um companheiro de igreja, e, ao responder se tinha algum arrependimento, disse que tinha um só:

- Vendi a preço de banana duas “datas”, ali no alto da Higienópolis, que hoje valeriam uma fortuna...

Mas, afora isso, garantiu que de nada se arrependia: nem de ter se embrenhado tão moço no sertão, nem de ter ido lutar na Revolução Paulista em 1932, nem de se aventurar depois como missionário evangélico no Rio Araguaia.

- Também me arrependo um pouco – emendou sorrindo – de não ter voltado antes para Londrina, para fazer tudo que fiz.

Esse “tudo” não se referia a façanhas ou atos grandiosos, como dos heróis comuns, mas à prática diária da diaconia na Igreja Batista, e à militância educativa como primeiro londrinense, dando nas escolas palestras sobre a História de Londrina, com o entusiasmo e a alegria do moço “Smee”, como era chamado no povoado pioneiro.

George foi o primeiro londrinense a perceber que ele foi o primeiro londrinense. Num tempo em que a maioria dos moradores de Londrina não tinha nascido aqui, ele sacou que londrinense é quem se acha - e passou a contar a história da primeira caravana como símbolo dos êxodos e dos

renascimentos que fundamentaram a História de Londrina, desde os imigrantes pioneiros, passando pela chegada dos brasileiros atraídos pela riqueza do café, até o êxodo rural gerado pela decadência da cafeicultura.

A sua vida, trilhada entre ousar e acreditar, simboliza a História de Londrina. Também a vocação da cidade para a cultura artística está na vida de George, pois ele viveu na Casa Sete, onde os moços solteiros da Companhia de Terras fizeram as primeiras festas no ainda Patrimônio Três Bocas, vestindo smoking e decorando a varanda com lanternas chinesas, assim prenunciando os nossos festivais.

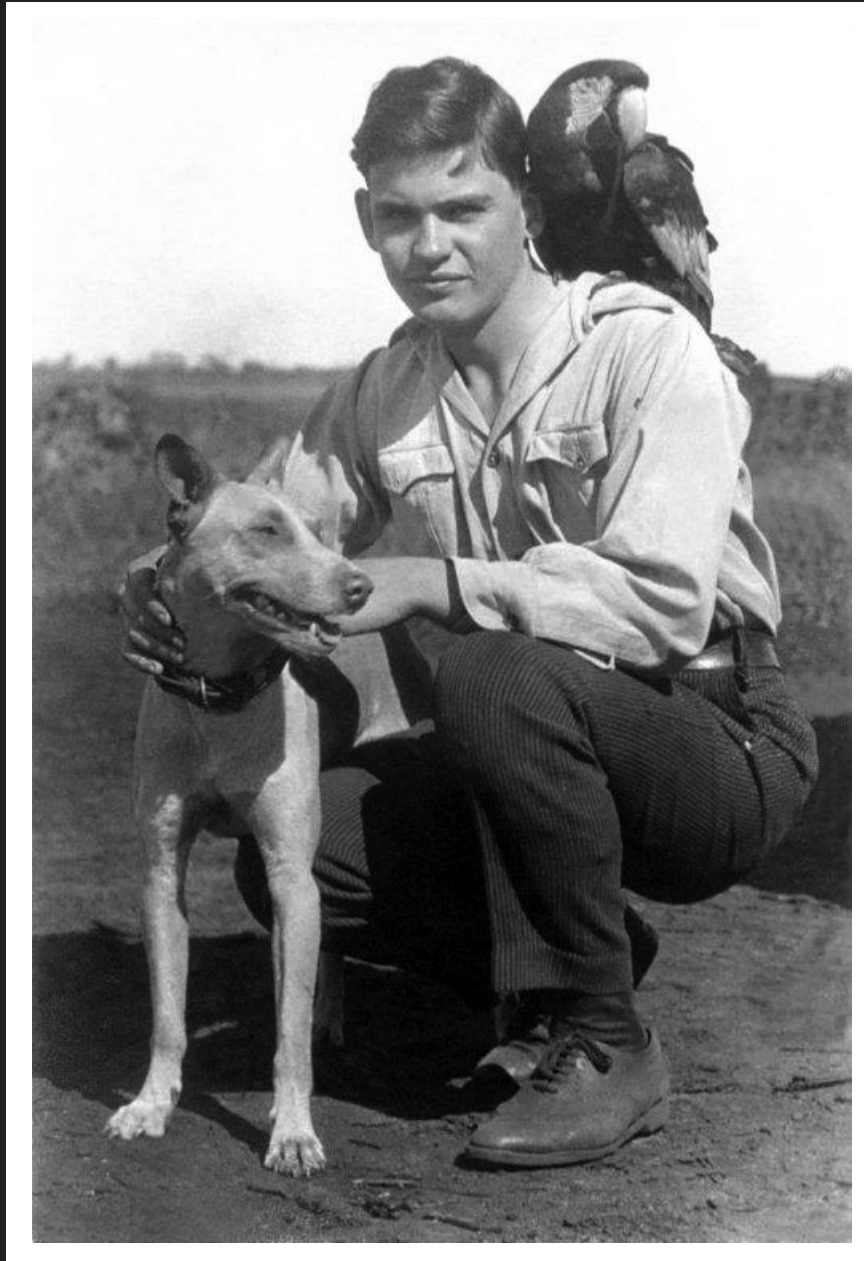
Certamente ele gostaria que se registrasse, aqui, seu apreço pela Companhia de Terras, que “foi boa, fez o bem e fez bem feito”, conforme ele dizia e, também, conforme depoimentos unânimes dos pioneiros, isentos de miopia ideológica ou cegueira preconceituosa.

Depois da euforia com o café, depois da diversificação econômica e da explosão urbana, Londrina caminha para a maturidade, ganhando consciência de que civilização não se desenvolve apenas economicamente, mas também socialmente, culturalmente, espiritualmente.

O acervo de George é legado de um cidadão desenvolvido em todas essas dimensões. E seu espírito de cidadania está simbolizado ali no seu par de botas. Um dia, numa de suas incontáveis visitas ao Museu, conversando com o diretor Olympio Luiz Westphalen, comentou que conservava ainda um par de botas “dos tempos da mata”, e que só não usava mais porque tinham ressecado. O diretor disse que, até por isso também, tinham valor histórico – e, no dia seguinte George voltava com as botas nas mãos para doação, brilhantes de engraxadas “por mim mesmo”, conforme garantiu sorrindo, consciente da grandeza dos atos miúdos.

Este era o homem, este era seu espírito; e assim tornou-se um herói incomum, desses que o tempo revela e o legado ilumina, deixando claro que tudo que fez foi para que mereçamos e aprendamos com sua herança, tão preciosa que é invendável, indispensável por ser tão simples e luminosa.

Domingos Pellegrini



George Craig Smith, funcionário da Fazenda Santa Emilia, da Brazil Plantations
Syndicate Ltda, com uma arara e o cão viralata, chamado “Júpiter”, 1925.

Determinação, coragem, amor pelo trabalho e respeito à natureza, são grandemente revelados pelas lentes de George Craig Smith. A Companhia Melhoramentos Norte do Paraná sente-se honrada e orgulhosa de ser parte desta história.

Gastão Mesquita

Presidente da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná

FO
TOS
e
TEX
TOS



Acidente na estrada

O interesse desta foto não se dá pelos aspectos bucólicos do campo ou a majestade da mata, presentes em boa parte das imagens captadas por George Craig Smith, mas pelo incidente que, naquele momento, passa a mobilizar a atenção das pessoas que o presenciaram: quer para auxiliar na retirada da camioneta da vala em que caíra ou, simplesmente, para contemplar este que foi, provavelmente, o primeiro acidente registrado nestas terras, na estrada entre Jatahy e Cornélio Procópio.

O elemento diferencial desta imagem é justamente o compartilhamento e o esforço coletivo entre essas pessoas que, ao se unirem para resolver um problema comum, testemunham a integração tão necessária e essencial para o desenvolvimento de um projeto coletivo como é a construção de uma cidade.

Hoje os registros de George Craig Smith são história, no passado eram a testemunha de sua integração ao projeto coletivo que mobilizou o grupo que tinha em suas mãos a responsabilidade de conduzir a colonização de uma das regiões mais promissoras do país, o Norte do Paraná.

Isaac Antonio Camargo
Professor da Universidade Federal de Uberlândia

Acidente na estrada.



Entre Cornélio Procópio e Jatahy (atual Jataizinho).
Final da década de 1920.

Primeiro trem

No dia 28 de julho
me lembro muito bem
no meio da mata, a picada
onde chegou o primeiro trem

Onde é hoje o Museu Histórico
ao lado de um pequeno tablado
chegou o primeiro trenzinho
com seus vagões enfeitados

Bandeirinhas coloridas
os vagões enfeitavam
mais um benefício
que a pequena Londrina ganhava

A máquina tocada a lenha
espalhando o fumaceiro
e eu vi muita alegria
nos olhos dos pioneiros

Foi grande a felicidade
Maria –Fumaça chegou
mais um belo degrau
que nossa Londrina ganhou

Maria-Fumaça, o apelido
que a maquininha ganhou
e o pioneiro feliz
com alegria esperou

Londrina última estação
onde o viajante embarcava
Na primeira ascensão
o trenzinho encahava

Chegava à Serra-Morena
o comboio deslizava
correndo os passageiros
desciam e empurravam

São doces lembranças guardadas
dentro do meu coração
do apito da Maria-Fumaça
daquela Londrina sertão

Londrina, caminhamos lado a lado
convivi com suas noites de luar
no coração és meu presente, meu passado
que amei, amo e hei de amar

Nair Paglia Piantini

Poetisa

*Construção da Estrada de Ferro São
Paulo – Paraná. Acampamento de
engenheiros.*



Entre Jatahy e Patrimônio Três Bocas.
Início da década de 1930.

Colonização

Tanto faz, aqui ou lá
a impressão que me dá
ao ver o príncipe chegar
e ao redor terra vermelha:
que bela seara!

Braços fortes, sim, senhor!
Aqui quem chega, tomba árvores,
constrói casas, que fervor!
É o progresso, digam todos!

Sem mais, finca o pé!
Famílias, trilho de trem
arrebata o coração do príncipe.
O que que tem?
Nesta terra tem amor, isso tem!

Que tarde embriagante
Doce deleite
Impede o nobre de ver os verdes
Até com arco construído
Pelas mãos destras dos colonos
Então submetidos fomos
Para a graça do Império.

Daniel Martinon
Fotógrafo

Rafaela Martinon
Assistente Social

*Arco de boas vindas, construído pela
Firma Macdonald Gibbs para receber
a visita do Príncipe de Gales.*



Acampamento de Cornélio Procópio.
4/4/1931.

A Varanda

Uma imagem fotográfica poética pode revelar muito, despertar sensibilidades inimaginadas, sentimentos indizíveis. A fotografia de George Craig Smith tem esse poder de dizer o não dito, despertar a imaginação, a curiosidade, mas antes de tudo de trazer para o olhar do observador a poética de um outro olhar capaz de capturar o movimento, a leveza, o deleite, a cena em movimento no ato de criação. “A Varanda” nos conduz a um lugar distante, perdido em nós, em nossas memórias a se confundir com os sonhos. Poderia ser um lugar à margem do Mediterrâneo, um sonho de Sherazade, um lago numa fazenda paulista, um rio no Pantanal, um condomínio fechado à beira de um lago no século XXI. Mas é a casa da Cia. Maxwell em Jatahy, na beira do Tibagi nos anos de 1930. Não é sonho. Mas pode ter sido, sim, um sonho. Para os acervos é um registro histórico, 80 anos depois dizendo de um passado comum aos norteparanaenses. Mas também é a natureza do existir nas tramas da arte, na mais pura poesia contemporânea: a imagem.

Zueleide Casagrande de Paula
Professora da Universidade Estadual de Londrina

*Varanda da casa da Cia. Maxwell na
beira do rio Tibagi.*



Jatahy (atual Jataizinho).
Década de 1930.

A mata virgem

(Imaginando George ao olhar a mata:)

“Elevei os olhos e, com mistura de êxtase e saudade, fui absorvido pelo verde da mata virgem, em meio à terra vermelha e ao azul do céu.

Num flash registrei a cena e, neste mesmo instante, vislumbrei o futuro sem imaginar que ele chegaria tão rápido.

A mata se traduzia em sensações antagônicas - medo, coragem, descanso, desafio, tristeza, alegria - para todos que acreditavam no crescimento surpreendente que região teria.

Meu coração se encheu de orgulho e o tempo voou comigo, envolvido na responsabilidade de captar o presente, que, com o passar dos anos, se tornaria um registro daquilo que outrora a cidade foi...”

Sandra Jóia

Diretora do Museu de Arte de Londrina

Mata virgem com predominância de palmito.



Região do Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Agosto de 1929.

Clareira

Na foto da primeira clareira, podemos ver muito mais que imagens. A perplexidade diante da imensidão da mata. O medo dos insetos, dos animais selvagens, das doenças tão comuns em matas fechadas. O temor de morar em local onde inexistiam núcleos de apoio para compra de substâncias, ou para um eventual socorro imediato, com inexistência de caminhos transitáveis.

Também nos vem à mente o destemor dos pioneiros, pois o normal seria preferir terras onde existisse vizinhança, não adentrando o sertão, mesmo que as terras fossem visivelmente férteis, a não ser depois que a Companhia de Terras implantasse infra-estrutura. No entanto, eles passaram a vir quando nada ainda havia, a não ser uma clareira na mata.

José Pedro da Rocha Neto
Engenheiro civil

Vista da primeira derrubada de 10 alqueires da Cia de Terras Norte do Paraná e os dois primeiros ranchos construídos de palmito.



Patrimônio Três Bocas (atual Marco Zero-Londrina).
Agosto de 1929.

Hotel Campestre

“Londrina cidade de braços abertos” recebeu a todos que aqui vieram em busca de sonhos, empreendimentos e aventuras. Como as caravanas de compradores de terras compostas de japoneses, italianos, alemães, brasileiros... que foram alojados no Hotel da Companhia de Terras Norte do Paraná, parada quase obrigatória ao chegarem na cidade.

O primeiro hóspede a se registrar no Hotel foi George Craig Smith, no dia 06 de janeiro de 1930.

Entre as inúmeras pessoas registradas no hotel, consta Sua Alteza Real, o Príncipe de Gales (Henrique IV), embora ele não tenha chegado a Londrina. Para o dia 1º de Abril de 1931, havia sido preparado um grande banquete para recepcionar o Príncipe, mas a visita foi cancelada devida a fortes chuvas no dia anterior, que tornaram as estradas intransitáveis.

Ruth Hiromi Shigaki Ueda
Bibliotecária do Museu Histórico de Londrina

Hotel Campestre da Companhia de Terras Norte do Paraná, cujo madeiramento de sua construção foi serrado à mão, por serradores portugueses.



Patrimônio Três Bocas (atual Marco Zero-Londrina).
Janeiro de 1930.

O peixe e os meninos

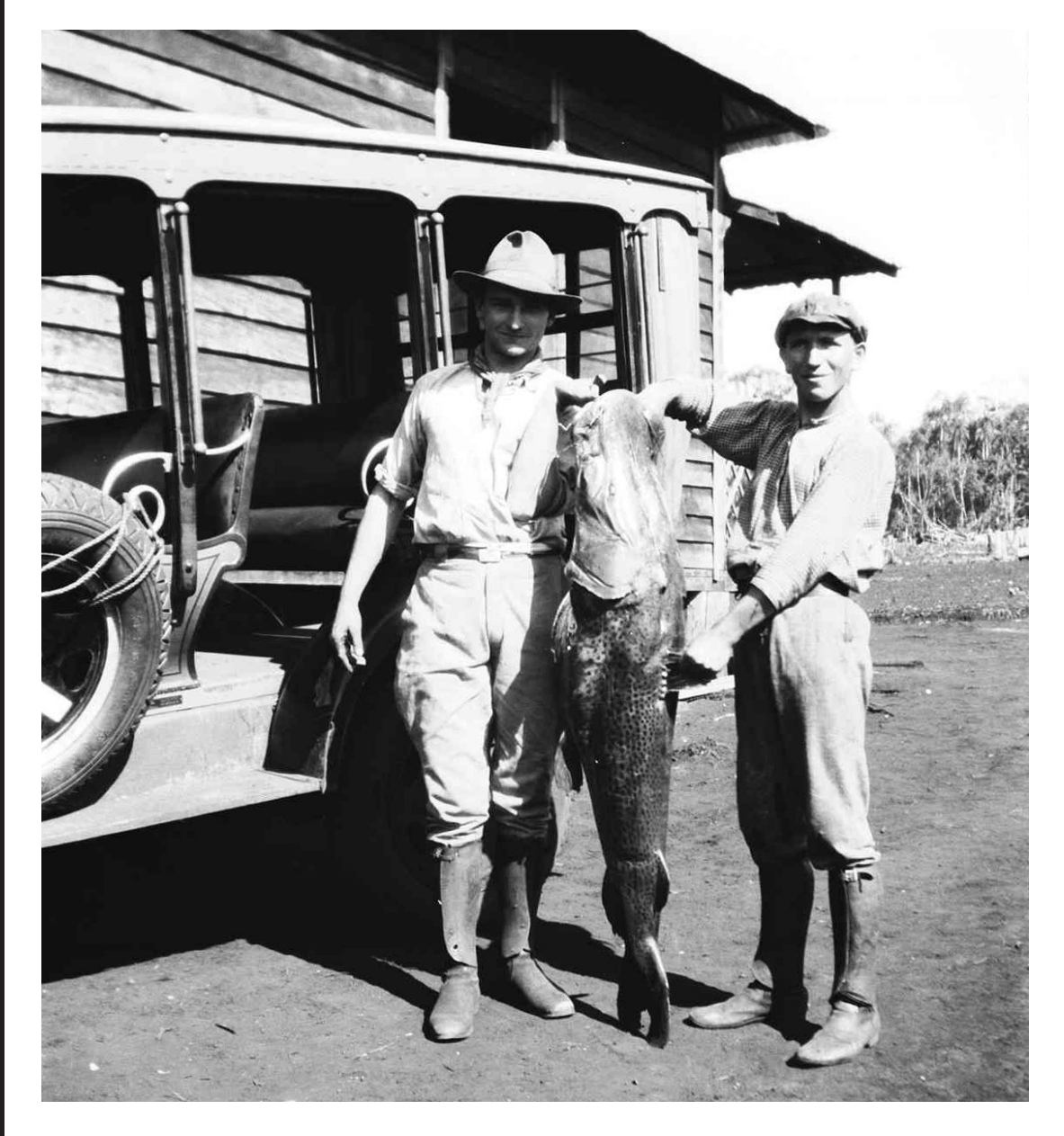
O peixe fogado no Rio Tibagi e fotografado por George Craig Smith faz lembrar os tempos da colonização de Londrina, quando um pescador menino ia com seus amigos pescar nos ribeirões Cambezinho e Bom Retiro. Andávamos a pé pelas ruas recém-abertas, margeadas pela floresta exuberante repleta de perobas, pau-dalho e outras espécies comuns da região.

Terminada a pescaria, pelados, tomávamos um banho refrescante nas águas geladas do rio. Depois esta prática foi abandonada porque um curtume despejava resíduos gordurosos no rio e com isso saíamos da água “ensebados” mesmo.

Na volta, fazíamos uma parada na chácara do senhor Agari, onde enchíamos as camisas e os bolsos com tangerinas maduras, saindo muitas vezes na correria para não ser pegos pelo dono da chácara. Assim terminávamos mais um dia, cansados e felizes; no outro, com certeza, aprontaríamos outras traquinagens.

Luiz Juliani
Fotógrafo

José Licha e Herman com um grande peixe “pintado” pescado no Rio Tibagi.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Primeiro tropeiro

Meu tio José Licha, ainda vivo, está para completar 100 anos de uma vida de muita luta e sucessos. Aparece na foto montado em sua mula, em frente ao Hotel Campestre. Foi o primeiro tropeiro da Companhia de Terras Norte do Paraná, e também serviu de picadeiro, mostrador de lotes e transportador de alimentos para os primeiros colonos.

Veio da Áustria para São Paulo em 1926, com os pais Michael e Rosina Licha. Tinha sete irmãos, e inicialmente se estabeleceram em Ipaçu, no Estado de São Paulo, sempre trabalhando na agricultura.

Um dos filhos, justamente o José, veio na frente, sabendo da fronteira do Grande Eldorado, como o Norte do Paraná era pintado na época, à procura de uma vida melhor, e logo mais trouxe toda a família, que, além de cuidarem das suas terras compradas da Companhia, ajudaram em várias outras áreas no desenvolvimento da região.

Miguel Walter Licha
Imobiliária

José Licha, tropeiro da Companhia de Terras Norte do Paraná.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Primeira Jardineira

A primeira jardineira da Companhia de Terras Norte do Paraná, ostentando sua marca na lateral, era um caminhão que foi adaptado com carroceria para passageiros, provida de assentos e cortinas à guisa de janelas.

Com este veículo, a CTNP conduzia até o Patrimônio Três Bocas pessoas de todos os Estados brasileiros e de outras partes do mundo, que desembarcavam na estação de trem em Jatahy (hoje Jataizinho), com a bagagem repleta de sonhos e esperanças...

A distância era percorrida em horas e com enormes dificuldades, através de picada de terra cercada de florestas fechadas por todos os lados. Não existia uma única casa. Nas chuvas era impossível trafegar. Passageiros desciam no lamaçal, para ajudar empurrando nos desencalhes.

Acreditando num futuro melhor, fincaram raízes na terra vermelha, e, por causa dela, hoje são orgulhosamente reconhecidos como “pés vermelhos”.

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Assuntos Universitários do Museu Histórico de Londrina

“Jardineira” que pertenceu a Companhia de Terras Norte do Paraná no Patrimônio três Bocas. Da esq. p/dir. : Sr. Avelino, funcionário da Cia em Jatahy e Dr. James Lister Adamson, Engenheiro Fiscal da Estrada de Ferro São Paulo-Paraná.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Um olhar...

Por trás de um olhar há sempre uma intenção. O observador frente ao que lhe chama a atenção pode ser sujeito, objeto ou ambos alternadamente.

Na foto, vemos como o sujeito não consegue escapar ao fascínio do sol a pino, projetando uma discreta sombra ao redor do primeiro estabelecimento comercial da cidade de Londrina.

O então jovem Smith não pôde fugir também ao fascínio da figura tão singular de uma mulher, tendo à frente um estranho cavaleiro que fitava enamoradamente a jovem.

Outro observador, não menos atento, era um cão, animal companheiro secular da espécie humana (companheiro e não guardião, pois Londrina ainda não era maculada pelas perversões dos homens). Ao fundo, a floresta fazia cobertura e alimentava com seus nutrientes o solo exuberante.

O brilho do olhar da mulher, perscrutando o espaço e a terra sempre úmida, tornava perceptível que era preciso imortalizar o momento, e foi isso que fez o jovem pioneiro.

José Cezar dos Reis
Professor

Primeira casa de Londrina, construída pelo Sr. Alberto Koch (casa comercial), o qual comprou a data nº 1 e 2, da Cia. de Terras Norte do Paraná, em 28.11.30, quadra 22, na esquina da Av. Paraná (atual Celso Garcia Cid) com a Rua Heimtal (hoje Duque de Caxias).



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
28/11/30

Vista

Roçar, derrubar, picar, queimar e limpar...
Medir, riscar a terra vermelha, construir.
De tempos em tempos, certificar-se.
Mirar a paisagem.

Vista de Londrina.

Humberto Yamaki
Arquiteto

*Vista de Londrina, tirada da Av.
Higienópolis. Sr Eugenio Victor
Larionoff.*



Londrina.
Década de 1930.

Rua Jatahy

Eis uma panorâmica da então rua Jatahy, atual Pio XII, nos anos de 1934/35, na cercania onde está localizado hoje o Colégio Estadual Hugo Simas (antigo Grupo Escolar de Londrina), inaugurado em 14/07/1937.

Descortina-se no horizonte a Igreja Matriz, vista dos fundos. A o sul do direito, observa-se o bosque, conservado até hoje. Do lado esquerdo, imponentes perobas, que no ano de 1943, por iniciativa da administração municipal, quando era prefeito o Major Miguel Blasi, com anuência da diretoria da Companhia de Terras Norte do Paraná, foram erradicadas para dar lugar à atual Praça Marechal Floriano Peixoto, ao lado da hoje Catedral Metropolitana de Londrina, em torno da qual gira a narrativa do nosso romance intitulado Os Sinos do Campanário, publicado em 2002.

Nelson Curotto
Advogado

Vista de Londrina tirada da Rua Jatahy, hoje Pio XII. No horizonte vê-se a Igreja Matriz e ao lado direito o Bosque.



Londrina.
1935.

Tênis no sertão

Uma quadra de tênis no meio do nada. Uma quadra de tênis no sertão.

Os ingleses levam seu estilo de vida para onde quer que vão. Não se misturam. Não assimilam outra cultura como fizeram os portugueses nas suas colônias.

Não interagem com os “nativos”.

Muitos veneram o fato de Londrina ter sido fundada por ingleses, como colonizados culturais que são, mas esquecem-se que estes compraram e venderam as terras, depois partiram...

Quem realmente construiu Londrina foram, num primeiro momento, paulistas e mineiros seguidos de migrantes de todo o Brasil e de imigrantes do mundo todo.

Aqui uniram-se todas etnias e culturas, numa Babel que deu certo, uma civilização multicultural e multiétnica - a civilização do século XXI.

Rui Cabral

Fotógrafo/Museu Histórico de Londrina

Pavilhão de tênis, esporte preferido pelos ingleses. Localizava-se na esquina da atual avenida Rio de Janeiro e alameda Manoel Ribas, onde hoje encontra-se a Biblioteca Pública Municipal.



Londrina.
1935.

“Alegres Trópicos”.

Vanda de Moraes

*Diretora de Patrimônio Artístico e Histórico-Cultural
Prefeitura Municipal de Londrina*

*Bernardo Schneider e Eugenio Victor
Larionoff (funcionários da Cia. de
Terras) tomando banho na “piscina”
do rio Cambé.*



Rio Cambé, Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Belezas...

Que bela cena! O urbano se confunde com o rural: junto à mata nativa em devastação e uma cultura de cereal, uma cerca de balaustre faz a divisa da moradia da família Lapuse, na então Nova Dantzig, hoje Cambe.

Num momento familiar, todos reunidos em traje social estão, quem sabe, prontos para o ofício religioso de domingo ou para uma cerimônia social no Patrimônio. Assim se vestiam os pioneiros, não se importando com a intensa poeira da estrada por onde rodaria um “pé de bode” todo aberto.

Dr. Ernesto Rosemberg, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná, esposo de Senta Lapuse Rosemberg, também participava com a família do descontraído colóquio. Era comentário geral na incipiente Londrina que as jovens de Nova Dantzig eram belas e faceiras!

Certamente foi este o motivo que levou o jovem galante George Craig Smith a conhecer a Sr^a Senta, que mais tarde se tornaria sua esposa. Conforme relato pessoal de George, ele teve que se esconder várias vezes, entre as toras espalhadas pelo terreno, para não ser morto pelo marido traído, Dr. Rosemberg. Por isso, o jovem conquistador mudou-se para São Paulo, onde depois se concretizaria o casamento.

Marina Zuleika Scalassara
Museóloga

Família Lapuse. Na foto da esquerda para direita: Greta Lapuse, Hani Lapuse, Senta Lapuse Rosenberg e seu marido Dr. Ernesto Rosenberg e Sra. Ida Lapuse e esposo.



Nova Dantzig (Cambé).
Década de 1930.

Pai zeloso

Quanto mais pesquisamos Londrina, mais aprendemos a valorizar os registros de George Craig Smith. E não sem justa causa: foi ele quem a pariu imageticamente. Se compararmos as imagens do nascimento e primeiros dias de vida de Londrina ao de uma criança, foi Smith quem amamentou o rebento, deu-lhe o primeiro banho, trocou suas primeiras fraldas, acompanhou seus primeiros passos. Seus registros imagéticos de Londrina equivalem ao Meu primeiro álbum... de qualquer bebê.

Smith não era apenas um pai vaidoso fotografando sua cria. Era um pai atento, zeloso com o futuro e a preservação da memória de sua filha diletta, Londrina. Essa dedicação pode ser visualizada, em cada uma de suas fotografias, por seu cuidado com a composição e sua preocupação com a representação simbólica. Nesta imagem da família Kernkamp, tomada no Heimtal, no início da década de 30, registrou uma série de indícios. A clareira aberta, a casa erguida, os animais, a família reunida e o agenciador de terras da CTNP (o Barão Arnold Drachenvels, primeiro à esquerda) são significantes de oportunidade, desafio, propriedade, segurança, satisfação e assistência.

Esta imagem – além de registrar a aventura, os desafios e a união da família Kernkamp – documentou os primeiros passos da colonização do Norte do Paraná e foi utilizada pela CTNP para propagandear ao mundo o seu empreendimento. Muitas informações e funções em uma só fotografia. Esse era o estilo George Craig Smith de fotografar. Sorte de Londrina ter seus primeiros passos registrados por este pai zeloso.

Paulo Boni

Professor da Universidade Estadual de Londrina

Família Kernkamp, a primeira a se estabelecer no Patrimônio Heimtal.



Patrimônio Heimtal.
Década de 1930.

Terra da Promissão

A imagem suscita diferentes leituras e as palavras se fazem desnecessárias para descrevê-la. No entanto, o Norte do Paraná de 1933 é “quase” a Terra da Promissão evocada pelos versos da literatura de cordel: “A região onde corre leite e mel”. A chegada do trem e pelo trem, a chegada dos “colonizadores”, a chegada do “progresso”, a chegada dos alemães para comprar as terras. O retrato é o documento que comprova e constata a busca pela região. As autoridades presentes autenticam a importância do momento histórico e o trem dá a dimensão da região como local de encontro e de passagem, informando à posteridade o valor daquela data.

Raimunda de Brito Batista
Professora da Universidade Estadual de Londrina

Grupo de compradores de terras da Alemanha sendo recebidos pelo Prefeito Willie Davids e Oswald Nixdorf na Estação de Jatahy.



Jatahy.
Junho de 1933.

Primeiro casamento

Ao escolher a foto para comentar, escolhi a primeira que vi e, por coincidência, é do primeiro casamento em Londrina. Muitas coisas ocorreram para escolhê-la: a beleza da foto em si, mas também por simbolizar a prosperidade e a fertilidade da cidade que estava nascendo.

Era 1932. É a Londrina formada pelos pioneiros vindos de muitos lugares e dos inúmeros que ainda virão certamente. Londrina é acolhedora, é um pequeno retrato da nossa cultura nacional. São várias as nacionalidades que contribuem para o progresso desta Terra Vermelha. São tantos aqueles que querem (e podem) contribuir em determinadas áreas, seja na política, ensino, esporte e outras! Tenha ou não nascido aqui, londrinense é quem a escolheu, e se “casou” com ela, apostando em Londrina para trabalhar e viver. Viva os 75 anos! Viva Londrina!

André Sell
Arquiteto

Olga e Carlos Strass. O primeiro casamento da região.



Patrimônio Heimtal.
06/02/1932.

Abrigo

Estes pioneiros, todos foram “arquitetos e engenheiros”, construtores habilidosos dos abrigos para suas famílias, com técnicas ancestrais de suas culturas étnicas.

Se não temos casas de pedra, é porque aqui somente havia em abundância madeira de todos os tipos, finas e grossas, moles ou duras. Com elas, as construções pareciam precárias, mas duravam uma eternidade de esperanças e conquistas.

Numa clareira surgia o abrigo, representando segurança, protegendo das intempéries e dos animais da mata. Era o primeiro abrigo, mas simbolizava também a luta constante pela sobrevivência e a esperança de plantar vida nova para os descendentes.

João Baptista Bortolotti
Arquiteto

Construção de moradias.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 30.

A teus pés, Londrina

Andarei o mundo. Voltarei a ti.
Ouvirei idiomas. Lembrarei teu sotaque.
Conhecerei catedrais. Cuidarás do altar.
Farei amigos. Serás leal.
A mim, a guerra. Em ti, o armistício.
Enviarei cartas. És destinatária.
Dormirei em casas. Morarei na lembrança.
Cruzarei os mares. Tornarei ao sertão.
Abrirei atalhos. Chegarei à clareira.
Todos os caminhos levam a ti, bela e jovem Londrina.
Aqui, aos teus pés, prometo nunca mais te abandonar.

Paulo Briguët
Jornalista do Jornal de Londrina

George Craig Smith e amiga.



Patrimônio três Bocas (Londrina).
Década de 30.

Entre chapéus, luvas...

...e vestidos bem cortados Zaira Silveira Correia e Nellie Davids, amigas de George Craig Smith, esbanjavam charme na terra dos pés-vermelhos de 1933. A foto comprova: em meio ao trabalho bruto da derrubada da mata fechada, para construir seus lares e sua nova vida, os que chegaram traziam também a sabedoria das determinações bíblicas que recomendam a temperança. Diz a parábola: “Há tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de prantear e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de abraçar...” Como vemos, havia, como deve haver sempre, tempo para tudo.... Afinal a pausa para descontração tornava mais leve o dia-a-dia desses desbravadores, além de promover a confraternização dos pioneiros, que enfrentaram tempos difíceis, porque acreditaram na pujança desta terra.

Lia Mendonça

*Jornalista da Coordenadoria de Comunicação Social
- Universidade Estadual de Londrina*

*Momento de confraternização. Na
foto: Zaira Silveira Correia e Nellie de
M. P. Davids.*



Local não identificado.
1933.

Primeira alameda

Se quisermos uma alameda, devemos “alamedar”, o que significa arborizar com álamos. Nossas alamedas, porém, caracterizam-se por outras árvores. Afinal, o álamo não existe no Brasil.

Na fotografia, temos uma alameda em perspectiva, cuja denominação – Alameda Manoel Ribas – se deve à lei municipal n.º 2, de 31 de dezembro de 1947. Homenagem póstuma a quem fora interventor no Estado de 1932 a 1946, tendo sido marcante a sua contribuição à cidade.

Widson Schwartz
Jornalista

Vista da Alameda Manoel Ribas. Ao fundo o Paço Municipal e a Fuganti, Fontana e Cia. (casa de ferragens).



Londrina.
Década de 1940.

Família sem nome

George Craig Smith gostava de fotografar pessoas. Nesta imagem, da década de 30, flagrou no Patrimônio Três Bocas uma família anônima.

Eles vieram de onde? Como atravessaram a mata? Como cruzaram o rio? O tempo nada revela, ficou apenas a imagem, instigando nossa percepção a enxergar nos detalhes uma história possível. Vieram os pais e cinco filhos descalços, carimbando na pele as marcas da terra-roxa que mais tarde lhes daria a identidade de “pés-vermelhos”.

O pai veio de chapéu, protegido do sol causticante nas clareiras onde a mata já foi ao chão, deixando nu um território de trabalho. A mãe vem de branco, quem sabe vestida de gala para o momento solene da fotografia. Carrega uma criança que olha para trás, antes de embarcar no futuro.

De onde vieram os anônimos? Sete décadas depois, sua origem está encoberta para sempre. Decerto hoje fazem parte do mosaico cultural de Londrina, com seus fragmentos de várias etnias e identidades. Nossa História traz a marca de muitos pés descalços e o mistério do anonimato como um poema sem nome, uma fotografia sem título. Apenas a imagem singela da sagrada família que acreditou no sonho.

Célia Musilli
Jornalista

Família de trabalhadores anônimos.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Queimada

As terríveis forças derrubam as árvores. Nada fica em pé. Homens e mulheres desesperados, arrependidos, rezam aos santos para acalmar os diabos. Impossível alguém segurar a destruição que não tem mais fim. São fagulhas e fogos que se espalham por entre a fumaça que invade cidades e povoados. Os bichos saem das tocas para morrer. A mata virou inferno. Nada mais resta. Somente perdura a desolação e as brasas que se tornarão cinzas. É a queimada! É a queimada da mata para justificar o progresso que ninguém tem certeza se um dia virá.

Paulo Ubiratan
Diretor de jornalismo da Rádio CBN

Queimada da mata para o preparo do terreno.



Região Norte do Paraná.
Década de 1930.

Casa Sete

Dentre as artes, a arquitetura é a única que, além de elevar o espírito de quem a criou ou dela desfruta, tem utilidade prática.

A Casa Sete, que abrigava os moços solteiros da Companhia de Terras, retrata, pelas suas qualidades volumétricas, proporção e escala, uma época e uma cultura arquitetônica de se construir e habitar em edifícios de madeira.

A intenção plástica, de quem a idealizou, distingue-a de uma simples construção e a classifica como um exemplar clássico da arquitetura de madeira da época.

Antonio Carlos Zani
Arquiteto

Vista de frente da Casa Sete, onde moravam Eugenio V. Larionoff, Luis Estrela, George C. Smith e B. R. Schneider (funcionários da Cia. de Terras).



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Ironia

As fotografias não nos falam somente de outras épocas, mas também de outras eras. Quando Craig Smith posicionou a sua “câmara obscura” diante da paisagem em formação, não apenas capturou toda Londrina do começo dos anos 1930, mas também um tempo sem volta: no primeiro plano, os troncos remanescentes da mata, testemunhando para os céus sua fragilidade diante do fogo civilizador; entre cinzas e galhos retorcidos, uma nova vegetação cobre o solo, que será o futuro e o destino de toda uma região. No segundo plano, algumas casas de madeira projetam sua brancura contra o fundo escuro da floresta, que está em terceiro plano. A ironia desta arqueologia fotográfica é que aquilo que está acima do plano da imagem, a floresta, será a primeira coisa a desaparecer.

Rogério Ivano
Professor da Universidade Estadual de Londrina

Patrimônio Três Bocas (Londrina).



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Perfeição?

Perfeição da natureza...
Ousadia pra começar...
Prudência na grandeza...
Otimismo na realização...
Genialidade ao avançar...
Suprimindo os obstáculos com confiança
na realização dos sonhos,
nós humanos somos esperados
em todos os caminhos.
Perfeição da natureza?

Arnaldo Falanca
Empresário

Caçada de Cateto. Ao centro, Amadeo Boggio, engenheiro da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná e trabalhadores.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Competência

Pioneirismo, coragem e competência eram as qualidades de George Craig Smith. Por isso, recebeu da Companhia de Terras a árdua missão de chefiar a primeira caravana de desbravadores que vieram para cá.

Era preciso fotografar tudo para mostrar as condições da mata e o andamento das obras. Podemos ver a floresta densa com muitos palmitos, perobas e outras árvores. Vemos também um teodolito apontando o rumo de uma estrada que levaria ao futuro, até chegar na Londrina de hoje.

Esta foto, apesar dos escassos recursos técnicos de época, está muito boa, o que prova que Smith também era um bom fotógrafo.

Júlio Moreira da Silva
Fotógrafo

*Abertura de estrada na região.
Teodolito utilizado por agrimensores
e topógrafos para medição de
terras.*



Norte do Paraná.
Início da década 1930.

Ford perdido na mata

Entre os sentimentos que a imagem inquietante faz aflorar, está a descrença. Imponente em sua modernidade e absolutamente popular em todo o mundo nas primeiras décadas do século XX, o Ford se mostra um tanto deslocado em meio à densa floresta. De onde teria vindo? Onde está a estrada?

A mata praticamente intacta e o Ford parecem fundir-se num longo e devorador abraço. Contudo, é o paradoxo e a dicotomia que predominam: a natureza com o carro por complemento ou o carro emoldurado pela vegetação?, o silêncio da mata e o ronco do motor, ponto de partida e ponto de chegada.

Ali já estão as primeiras trilhas, a lamber os troncos e as raízes e a sulcar um solo prodigioso, numa luta que se iniciava tímida.

Anos posteriores provariam a inversão de poder.

Gilberto Hildebrando
Historiador/Universidade Estadual de Londrina

Mata da região.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Um Rio, Uma Balsa, Um Futuro

Um rio é um paradoxo: ele separa e une; ele ameaça e protege: ele nutre e destrói. Cabe à sabedoria dos pioneiros fazer com que apenas as qualidades positivas sejam aproveitadas no futuro. E os fundadores de Londrina foram muito sábios em relação ao majestoso Tibagi.

Uma balsa é uma promessa, a promessa de uma ponte se a balsa foi instalada no lugar certo. E essa balsa da fotografia se transformou em varias pontes porque realmente estava colocada no ponto adequado. Acabou vítima de sua própria competência. Mas felizmente o George Craig Smith salvou sua imagem para o futuro.

E hoje nós, um pouquinho donos daquele futuro, agradecemos ao George e aos que com ele nos deram este belo presente que é Londrina, cuja sede é saciada pelo nosso rio, sem nos ameaçar, e cujas pontes, filhas da balsa, nos comunicam com o resto do mundo.

Luis Parellada Ruiz
Médico - Diretor da Labimagem

Balsa na travessia do rio.



Local não identificado.
Década de 1930.

Contrastes

A foto de 1930 mostra uma cena corriqueira do desbravamento norte-paranaense: um caminhão possante da época enterrado no barro. A estrada... ora, a estrada!

Sua alteza, a mata virgem, domina a paisagem. O motorista, vestido a rigor, com o boné apropriado, busca afastar o barro do pneu traseiro com o uso de um enxadão. A sombra das pessoas mostra a hora, perto do meio-dia, provavelmente pelas onze horas. Ainda faz muito frio, as pessoas estão bem agasalhadas.

Vê-se uma mudança na carroceria do caminhão. Supõe-se a existência de outras conduções atoladas no barro, que a foto não mostra, mas sugere com a presença de oito pessoas que não caberiam na pequena carroceria mostrada na foto.

A lama pastosa da terra-roxa, que parava a região nas épocas de chuva, foi fator de atraso enquanto impedia o progresso; e foi fator de progresso enquanto sinalizava as melhores terras do mundo.

Joaquim Carvalho da Silva
Professor da Universidade Estadual de Londrina

*Caminhão transportando
mudança de colonos.*



Local não identificado.
Início da década de 1930.

Os moços da Casa Sete

Depois de sedimentada a linha férrea da Companhia Ferroviária em Cornélio Procópio, e visando seu prolongamento até Londrina, uma das casas que abrigavam os seus funcionários, a de número sete, foi desmontada e reconstruída (na quadra situada entre as atuais avenidas Paraná e São Paulo, a rua Professor João Cândido e a alameda Miguel Blasi) para servir de moradia dos funcionários solteiros da Companhia de Terras Norte do Paraná.

Na foto estão, num momento de descanso, os quatro primeiros e destacados moradores: Bernardo R. Schneider, Eugênio Victor Larionoff, George Craig Smith e Luis Estrela. As roupas claras e as botas de cano longo, bem polidas, denotam o cuidado para bem receber os esperados compradores das terras que, nos períodos de chuvas, se transformavam em enormes lamaçais.

Jorge Cernev
Professor

Moradores da "Casa Sete". Da esq. para a dir.: Bernardo R. Schneider, Eugênio Victor Larionoff, George Craig Smith e Luis Estrela.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Chegada

Quem são essas pessoas de diferentes países carregando muitas bagagens e muita esperança? São imigrantes de vários cantos do mundo que, após árdua jornada, suportando sol e chuva, poeira ou lama, chegavam atraídos pela propaganda da fertilidade da terra e do bom clima para o plantio.

De longe, na jardineira, avistavam no telhado do barracão de madeira as grandes letras brancas: “Estação Rodoviária Londrina”, e ao fundo a densa mata, com algumas queimadas e várias construções de madeira aqui e acolá.

A princípio, eram na maioria operários braçais que não vieram para adquirir terras, mas em busca de trabalho, como empregados ou por conta própria em pequenos negócios e ofícios. A determinação e a coragem desses personagens anônimos fizeram o Patrimônio Três Bocas crescer e se tornar uma grande cidade – Londrina, que já foi conhecida como Capital Mundial do Café é hoje, conhecida como Cidade de Braços Abertos.

Áurea Keiko Yamane

Técnico em Assuntos Universitários do Museu Histórico de Londrina

Chegada de imigrantes na Estação Rodoviária no Patrimônio Três Bocas (Londrina). Localizava-se onde está hoje o prédio da Loja Marisa, na rua Minas Gerais.



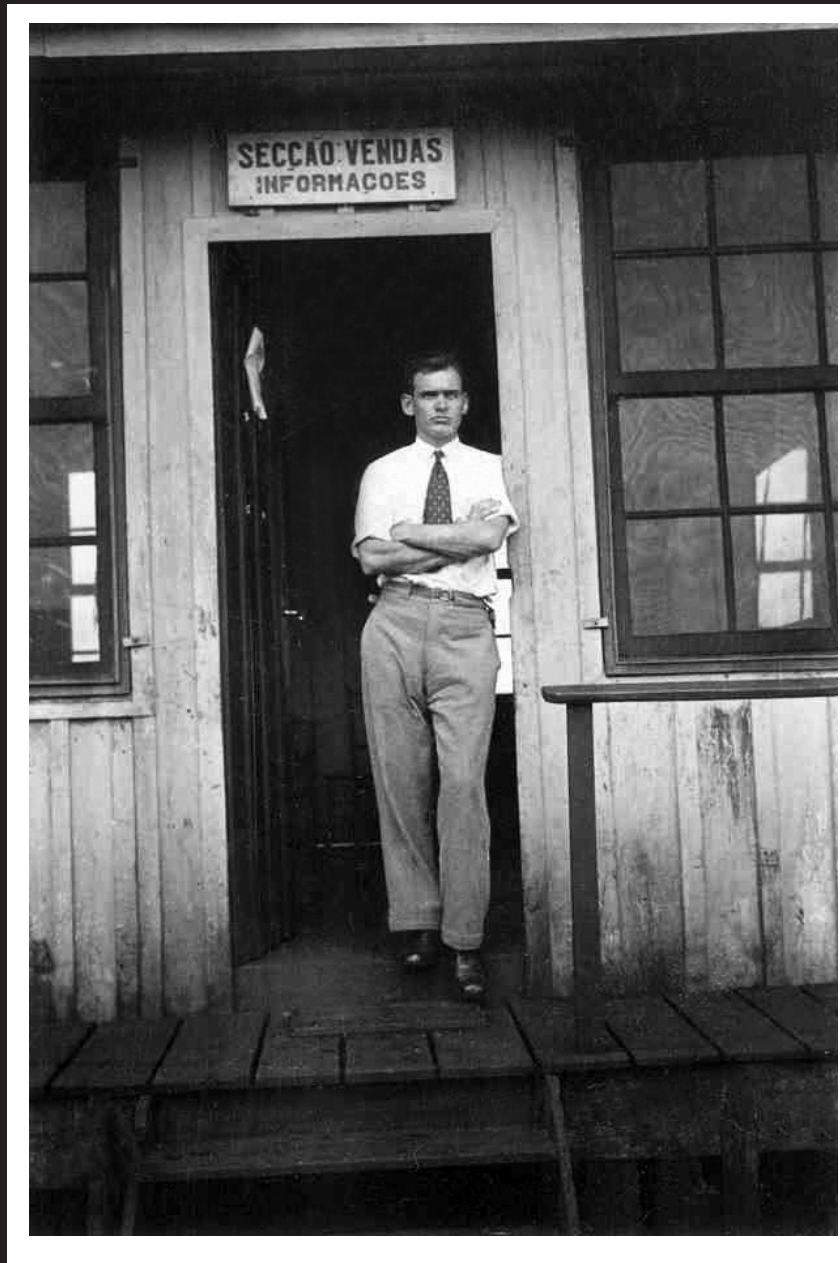
Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Exemplo

George Craig Smith trouxe da Inglaterra, onde estudou, o exemplo de entusiasmo e trabalho para a Londrina de hoje. Olhando sua foto na década de 1930, à porta do escritório da Companhia de Terras, nota-se sua confiança e perfeita adaptação à terra na qual foi o primeiro pioneiro. Um pioneiro que sabia e gostava de pensar, e resistiu na longa e fértil caminhada de uma generosa vida! Agradecemos a você, George, por nos legar seu amor pelas árvores e pela beleza de nossa terra. Não sem razão, o autor da letra do Hino a Londrina, Francisco Pereira de Almeida Júnior, assim a finaliza: “Londrina, cidade que um povo viril ergueu para a glória do nosso Brasil”. Desse povo viril, George, você é o maior exemplo!

Maria Aparecida Machado Frigeri
Vice-Presidente da Academia de Letras, Ciências e Artes de Londrina

George Craig Smith, na porta do escritório da Companhia de Terras Norte do Paraná, localizado na esquina das ruas Maranhão e Minas Gerais.



Londrina.
Década de 1930.

A “baratinha” festeira

E esta “baratinha”, assim toda acorrentada, pronta pra vencer os atoleiros, vai partir para onde? Para onde George Graig Smith e Eugênio Schneider vão levar as quatro mocinhas? Num dia com cara de sábado – a falta de chapéu e de botas até os joelhos nos homens indica que era um dia de folga – por certo deviam estar fazendo hora para ir a alguma festa, quem sabe ao baile da noite, no Heimtal, onde, segundo Smith, havia “umas brancas bonitas, boas para dançar.”

Mas, se queriam dançar, a “baratinha” também podia levá-los ao Redondo, quem sabe ao Quadrado, locais de bailes muito animados. Ou talvez o grupo estava se juntando para o “Assustado” – festa inventada pelos festeiros da Londrina nos anos de 1930, que, sempre aos sábados à noite, sem avisar, chegavam de surpresa na casa de algum amigo, trazendo na bagagem sanfoneiro, bebida, comida e muita animação para dançar até o sol raiar, hábito que talvez explique o espírito fraterno e acolhedor do londrinense até hoje. E as garotas, eram apenas amigas ou... Deixa pra lá. Vai ver, o grupo estava indo para a igreja e a gente fica aqui pensando besteiras sobre nossos queridos desbravadores que, quem sabe, estavam apenas fazendo pose pra entrar pra história. E conseguiram.

Apolo Theodoro
Jornalista

George Craig Smith, Eugênio Schneider e amigas, numa caminhonete. As correntes eram utilizadas nas rodas dos automóveis nos dias de chuva para poderem sair dos atoleiros.



Local não identificado.
Década de 1930.

Hotel Luxemburgo

O Hotel Luxemburgo foi o primeiro hotel comercial do então Patrimônio Três Bocas, construído em madeira por Gregório Rosemberger na, na então Rua Cambé, atual Avenida Duque de Caxias , esquina com Rua Goiás. Foi inaugurado em agosto de 1932, praticamente no meio de um palmital, com bela varanda e jardim, de onde, por certo, os primeiros colonos, viajantes e autoridades testemunharam a derrubada da mata para dar lugar às primeiras edificações. No seu amplo salão eram servidas as refeições e faziam-se festas.

Antes dele, só havia o provisório Hotel Campestre (também armazém e escritório), da Companhia de Terras, primeira edificação do então Patrimônio Três Bocas, inaugurado em janeiro de 1930 onde hoje é o chamado Marco Zero.

Durante a Segunda Guerra Mundial, atendendo proibição de “nomes estrangeiros” relacionados aos países do Eixo, o Hotel Luxemburgo mudou o nome para Hotel América (como o Hotel Germânia teve o nome mudado para Grande Hotel). Adquirido em 1940 por Franz Hesselman, depois da guerra passou a se chamar Franz Hotel. Na década de 40, hospedou ilustres visitantes, como os presidentes Getúlio Vargas e Eurico Gaspar Dutra.

Em 1948, o hotel de madeira, com 25 quartos dotados de pia, passou a ser de alvenaria, com 58 apartamentos dotados de banheiro. O Franz Hotel encerrou suas atividades em 2000. A partir de 2006, passou a funcionar no local o Hotel Aliança.

Mário Jorge de O. Tavares
Presidente do Foto Clube de Londrina

Hotel Luxemburgo, localizava-se na esquina da atual Duque de Caxias com a rua Goiás.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Década de 1930.

Progresso!

Palavra chave para um país em desenvolvimento.

A foto de 1930, “Transporte de tronco de peroba”, é impactante, ao expor a realidade de uma época que colocava a natureza como obstáculo do homem.

Homens desbravadores, que talvez não pensassem em grandes glórias, eram muito desejosos de vida mais digna, no seu pedaço de chão, ou mesmo uma vaga de emprego nas “Companhias” que desbravam os “sertões”.

A peroba majestosa e imponente, mesmo serrada ao chão, se transforma de árvore frondosa em matéria-prima para construção, nos ventos dos novos tempos que sussurravam a palavra progresso por onde passava o homem.

Patricia Martins Castelo Branco
Professora da UNIFIL

Transporte de tronco de Peroba.



Jatahy (atual Jataizinho).
Década de 1930.

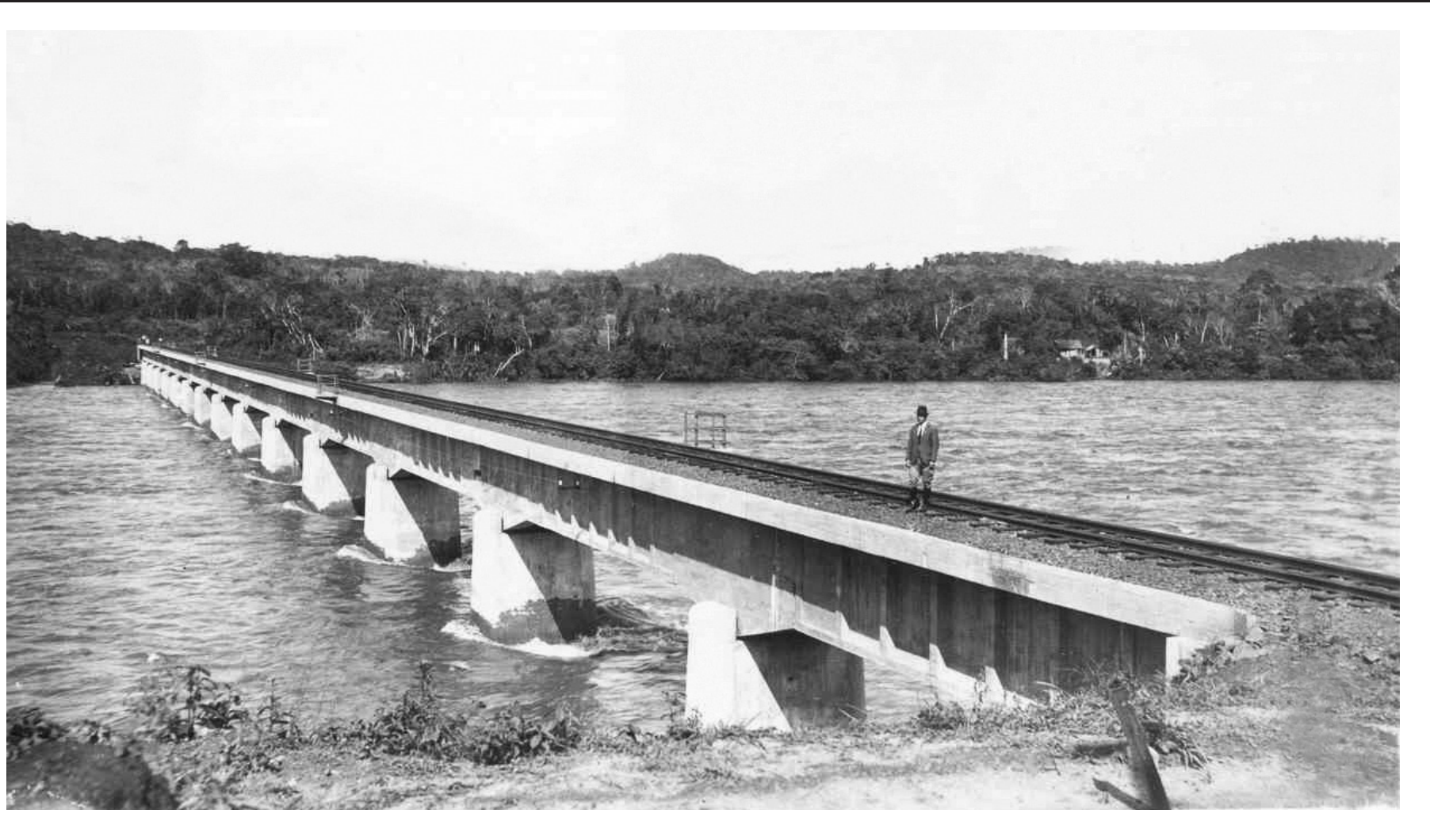
A Ponte

Uma das marcas de Londrina é a modernidade, expressa na foto, ao demonstrar como o homem intervém na natureza, orientando-a para atender às suas necessidades. A ponte garante que a cidade se integre com o mundo e o homem com a natureza; integra também as identidades, ao facilitar a chegada de pessoas de diversas partes do Brasil e do mundo, com diferentes etnias, religiões e expressões culturais que marcam a Londrina do século XXI. A ponte permite transpor o que parecia intransponível: o rio e a distância.

Aí estão o horizonte, a mata ao fundo, o rio como um obstáculo vencido e a intuição de que Londrina crescerá, avançará e se desenvolverá além dos limites imaginados. Porém o desenvolvimento tem seu preço: urbanização desenfreada, contradições sociais, ameaça de homogeneização étnica e cultural e a interferência descontrolada do homem na natureza. Mas a foto, no seu momento, nos remete a um mundo de possibilidades, ao princípio do que seríamos, quando tudo poderia ser tentado, pois tudo ainda estaria por vir.

Leandro Henrique Magalhães
Professor da UNIFIL
Maria José de Melo Prado
Enfermeira

*Ponte ferroviária sobre o rio Tibagi.
Construída pela empresa Rangel
Christofel & Companhia. Inaugurada
em 28 de julho de 1935.*



Ponte ferroviária entre Jatahy e Londrina..
Início da década de 1930.

Foto-grafia

Uma fotografia nunca é apenas um registro neutro da realidade, o congelamento inocente de um instante captado num tempo fluido. Os elementos que compõem sua linguagem remetem, para além dos motivos representados, ao próprio fotógrafo, o “invisível” sempre presente em sua obra. A imagem elaborada por Smith não é exceção.

Atinando para os elementos visíveis, percebe-se a estação rodoviária de Londrina em meados da década de 1930, lugar em que diversas famílias provindas de diferentes rincões do Brasil pisaram em solo londrinense pela primeira vez. Smith teve a sensibilidade de fotografar a ocasião em que a aventura convertia-se em rotina. Mas não deixa de ser interessante ler uma fotografia por suas margens, porquanto o indício seja, às vezes, tão importante quanto o objeto central.

O enquadramento panorâmico e o distanciamento da câmera em relação à rodoviária permitem visualizar parcialmente, ao fundo, a sede da Companhia de Terras Norte do Paraná, onde hoje se situa o Cine Teatro Ouro Verde. Para Smith, o desenvolvimento de Londrina não deixava de estar ligado à empresa. Os elementos que compõem uma fotografia não são, portanto, dispostos de modo caótico, mas dotados de significados simbólicos passíveis de leitura.

Richard Gonçalves André
Professor

Segunda Estação Rodoviária de Londrina. Ao fundo o prédio da Companhia de Terras Norte do Paraná.



Londrina.
Década de 1930.

Primeiro Hospital

Ao ver a foto, me vem uma forte emoção, pois nasci pelas mãos do Dr. Kurt Otto Müller, primeiro médico de Londrina, nesse “Hospitalzinho”, aos 15 dias do mês de maio de 1934, portanto tenho a idade de Londrina município, aos 75 anos em 2009.

Esse “Hospitalzinho”, que foi uma das primeiras construções de peroba rosa, erguida no Patrimônio Três Bocas em 1933, depois de desmontado pela Companhia de Terras na cidade de Cornélio Procópio, deu origem ao Hospital Santa Casa de Londrina, existente até hoje. Curioso é que a madeira desse “Hospitalzinho” está até hoje armazenada nos fundos da Santa Casa, aguardando uma oportunidade, talvez para uma futura montagem como parte de um museu.

A única, ou primeira enfermeira da época, que auxiliou o Dr. Müller no parto, foi a Sra. Herta Kernkamp Furrer. A administração do “Hospitalzinho” ficou a cargo das irmãs de Schönstadt, da Alemanha, que na época eram as nossas santas, pois aqui não havia nenhum recurso de atendimento à saúde dos colonos.

Klaus Nixdorf

Presidente da Associação Pró-Memória de Londrina

Hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná. Localizava-se na atual Alameda Manoel Ribas, onde hoje está o prédio do Posto de Saúde.



Patrimônio Três Bocas (Londrina).
Início da década de 1930.

Terra Vermelha

Solo de sonhos e esperança de um povo forte e trabalhador, que na década de 30 aqui se instalou.

A mata nativa cedeu lugar à agricultura, dos ranchos de palmito e lavouras de café foi surgindo a cidade-jardim planejada com avenidas com canteiros largos, ruas extensas e casas de madeira.

Formou-se assim o cenário inicial que com o tempo se expandiu: hoje as construções de alvenaria e os grandes prédios compõem a “Filha de Londres” evoluída, cidade moderna e de belezas sem igual.

Kimiko Yoshii
Empresária - Construtora A. Yoshii

Ranchos de palmito.



Região Norte do Paraná.
Início da década de 1930.

Heil!

A mesma nação que deu ao mundo os brilhantes Goethe, Bach e Freud, irá, em pouquíssimo tempo, engendrar-se em um destino grandioso.

E inimaginável.

O ano, é 1937.

Incorporado como simples turista a uma galvanizada multidão, um brasileiro em férias aponta as lentes de sua câmera em direção à Chancelaria de Berlin, sede do Terceiro Reich.

Ali estão, emoldurados por uma ampla janela-balcão, saudando simpatizantes, o Führer Adolph Hitler, sempre acompanhado pelo seu Propagandaminister, Joseph Goebbels e, logo atrás, herr Heinrich Himmler, o temível Comandante Supremo da “Gestapo” e da “SS”.

Dali a tão poucos anos, 70 países os mais diversificados do planeta, incluindo o próprio Brasil, serão arrastados para o centro de uma guerra mundial, cobrando a vida de 60 milhões de pessoas, a grande maioria delas, de civis.

Lá, como cá, o brasileiro George Craig Smith é testemunha ocular da História.

De um calhambeque engolido pela colossal floresta norte-paranaense, a um improvisado lar feito numa tenda de lona, é o homem certo, no lugar certo, na hora certa, nos trazendo o mundo e nos conectando ao tempo.

Christian Steagall-Condé
Arquiteto

Na janela da Chancelaria Adolph Hitler saúda simpatizantes com seu gestual característico.



Berlim, Alemanha.
1937.

Amigos

O local da foto é a esquina do Bosque, à Avenida Rio de Janeiro com a travessa Padre Bernardo Greiss, onde Luiz Juliani trabalhava como fotógrafo, local que anteriormente era usado por seu pai, também fotógrafo, José Juliani.

A foto foi batida com uma câmera automática de Haruo Ohara, em 1981, e da esquerda para a direita vemos Haruo Ohara, que se tornaria renomado fotógrafo; Luiz Juliani; Fioravante Pomin, sanfoneiro que animava os bailes da cidade; George Craig Smith; Mario Kikuchi, colecionador de moedas e selos; e Gunnar Fritioff Knutson, engenheiro que trabalhou na construção da estrada de Ferro São Paulo-Paraná. Por último, no canto, a velha máquina de Luiz Juliani.

Nota: Foto de autoria de Haruo Ohara, pertencente à coleção de Geoge Craig Smith.

Omeletino Benatto

Colaborador da Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina - ASAM

Smith e amigos no bosque de Londrina, Da esq. para dir.: Haruo Ohara, Luiz Juliani, Fioravante Pomin, George Craig Smith, Mario Kikuchi e Sr. Gunnar Fritioff Knutson.



Londrina.
Julho de 1981.

FO
TOS
de
FA
MÍ
LIA



Guardião

A fotografia é um instantâneo, o registro de um fugaz momento, e passa por vários estágios: do seu nascimento à sua “morte”, pode ser saudada, mutilada ou destruída. O álbum de fotografia é uma seleção da memória, um registro dos momentos marcantes da própria vida: nascimentos, casamentos, mortes, e muitos outros. Pode ser mantido intacto do início ao fim, mas pode sofrer a ação do seu guardião ou guardiões no decorrer de sua “vida”. Quando não há mais guardião, passa a ser mais um entulho na casa, e seu fim é a lata de lixo.

As fotos de George Craig Smith foram preservadas pelos guardiões da família até que ele próprio passou a ser não só o guardião mas, também, autor de fotos.

Assim, as fotos que chegaram até nós possuem o aceite de George Craig Smith. Ele as considerou passíveis de ser fontes de lembranças, saudades e emoções felizes. Fotos em poses padronizadas, tiradas em estúdios ou a céu aberto; de família ou grupo de amigos ou colegas; a variedade responde à intenção do momento.

Família

A foto de estúdio, de 1910, foi encomendada. O fundo e móveis são selecionados, as roupas elegantes, os cabelos penteados à moda. O patriarca ao centro, em pé, cabeça voltada mais para a direita e mão sobre a poltrona, está em posição de respeito. A mãe está com sua mão protetora no ombro do filho, e este se inclina em direção à mãe, aceitando o seu amor e proteção.

Família Smith. Na foto Sydney Alfred Smith, esposa Jane Craig Smith com os filhos Sydney Smith Junior e George Craig Smith. Autor: G. Gaensly.



São Paulo.
18/12/1910.

Privacidade

Nas duas próximas fotos da família não há riso, não há toque. Uma foi tirada no estúdio, outra em convés de navio. Anos as separam, os ambientes são bem distintos, mas possuem em comum a mesma intenção de registrar o grupo familiar, devendo transparecer seriedade e respeito. As demonstrações de afetividade são possíveis, a princípio, somente no espaço privado. As fotografias da afetividade, tão raras em tempos passados, se tiradas, tendem a permanecer restritas à família e muitas vezes são descartadas pelos guardiões.

(1)

*Familia Smith. S.d. Da esq. p/ dir. os irmãos: Alexandre, George, Violet, Sidney e Edward Curtis Smith.
Autor: Max Rosenfeld.*

(2)

*George Craig Smith retornando da Inglaterra com sua família em 1925.
Autor desconhecido.*

(1)



São Paulo.
Década de 1940.

(2)

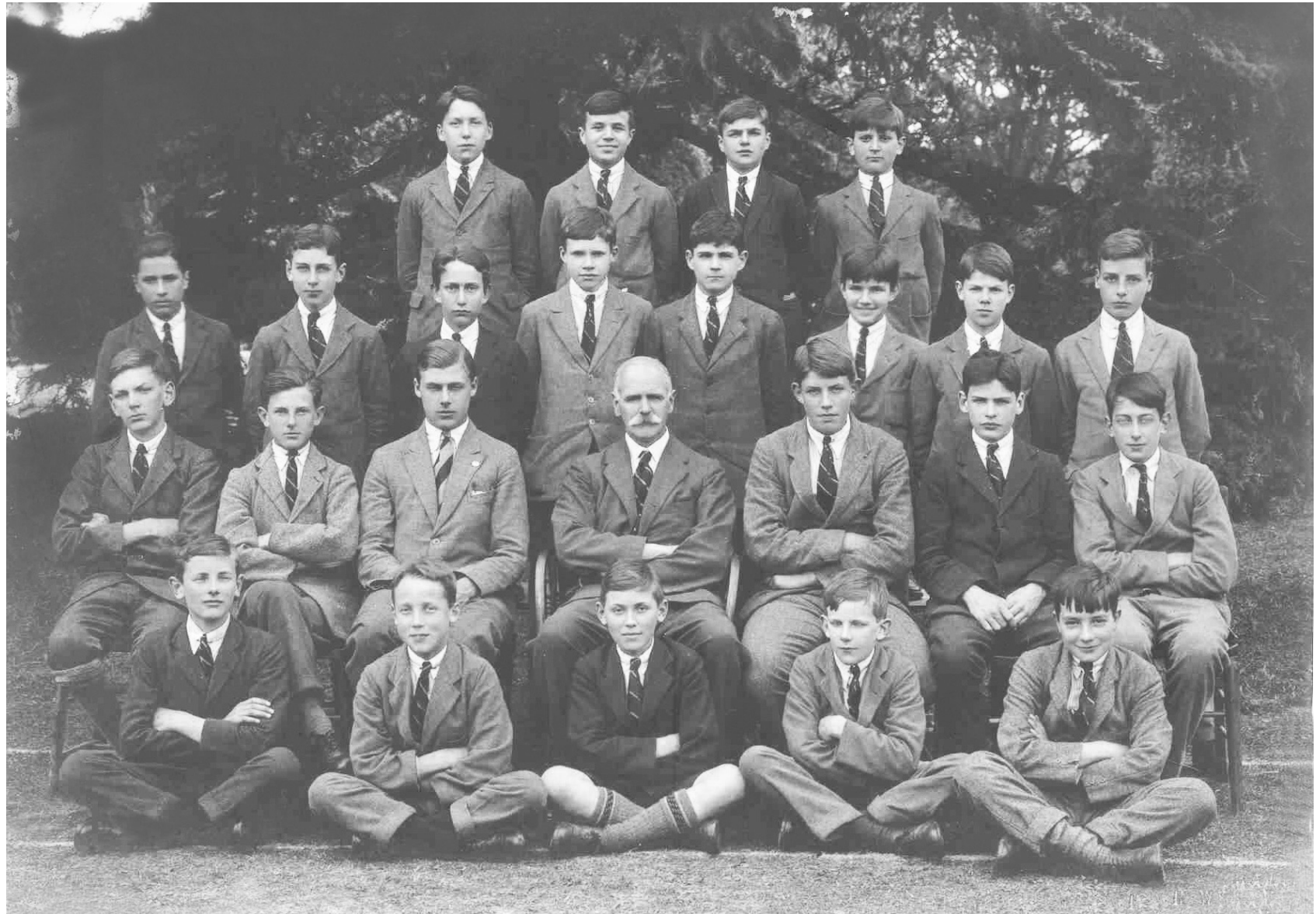


Local não identificado.
1925.

Diferente

Nesta imagem de um time de rugby, vemos ao centro o professor, e a sua volta seus alunos desportistas. A seriedade também está presente, poucos risos, todos posando conforme o padrão da época. Uma pequena observação: George, o segundo jovem, de terno escuro na fileira do professor, não cruzou os braços como seus colegas...

*Time de Rugby da Clayesmore School.
Na foto: George Craig Smith (à direita),
na segunda fila. Autor: H.W.Salmon.*



Winchester, Inglaterra.
1924.

Alegria

Por fim, uma foto onde a alegria e a espontaneidade estão presentes. Há toques, liberdade de pose. Mulheres e homens ocupam o mesmo espaço, são todos amigos dividindo um momento de muita alegria e descontração. A informação complementar de que a foto documenta uma viagem à Alemanha, decorrente de um prêmio recebido por George Craig Smith pela Companhia De Terras, confirma a impressão. Ao centro, a localização da foto é indicada propositadamente pela bóia do navio Monte Sarmiento.

Alberto Gawryszewski
Professor da Universidade Estadual de Londrina

George Craig Smith e amigos a bordo do Navio Monte Sarmiento em viagem a Alemanha, recebida como prêmio pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Autor desconhecido.



Local não identificado.
Dezembro de 1937.

Promoção



Realização



Apoio



Patrocínio